

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
JANDERSON ARAUJO LIMA**

**A TAREFA DO PROFESSOR NO PROCESSO DO ENSINO-APRENDIZEM
EM TOMÁS DE AQUINO**

Juiz de Fora
2022

JANDERSON ARAUJO LIMA

**A TAREFA DO PROFESSOR NO PROCESSO DO ENSINO-APRENDIZEM
EM TOMÁS DE AQUINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Academia, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Filosofia.

Orientador: Prof. Ms. Pe. Laureandro Lima da Silva

Juiz de Fora
2022

ARAUJO LIMA, Janderson. **A tarefa do professor no processo do ensino-aprendizagem em Tomás de Aquino.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Graduação em Filosofia do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Pe. Laureandro Lima da Silva (UniAcademia)
Orientador

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)

Profª. Drª. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 01/12/2022.

Dedico este trabalho à Santíssima
Virgem Maria, Mãe de Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Fonte e Origem de todo o Bem, que, desde antes que eu nascesse, escolheu-me e derramou sobre mim seu imensurável amor e Misericórdia. À bem-aventurada Virgem Maria, que não obstante às minhas falhas, tomou-me por sua mão e ajudou-me a permanecer de pé diante das dificuldades da vida. A Santo Tomás de Aquino que, por sua intercessão, iluminou minha inteligência e fez-me contemplar a Verdade.

À Sra. Maria das Graças Araujo, minha querida mãe, aquela a quem devo total reconhecimento desde a minha concepção e que, cotidianamente, é um sustento incondicional. A meus irmãos, por todo companheirismo e fortalecimento, através das orações e amizade. E, igualmente, a todos os familiares e amigos da comunidade São Miguel, berço vocacional, onde reconheci os valores da fé.

À Arquidiocese de Juiz de Fora, Igreja missionária, a qual me proporciona todos os dias essa mesma experiência; ao Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, pelo acolhimento e pela oportunidade de aprofundamento intelectual e crescimento espiritual humano.

À Prof. Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, por todo o zelo e dedicação com os alunos do Centro Universitário Academia, instituição essa a qual também sou grato pela formação acadêmica e a todos os professores do curso de Filosofia desta mesma instituição. Ao Prof. Me. Pe. Laureandro Lima da Silva, que, em sua admirável sabedoria, contribuiu na minha formação humana, além de orientar-me com total dedicação para a conclusão deste trabalho.

Por fim, a meus amigos e demais pessoas, por tamanho dom da amizade e por colaborarem no meu crescimento.

Dê-me, Senhor, agudeza para entender,
capacidade para reter, método para
aprender, e graça para falar.
Santo Tomás de Aquino

RESUMO

ARAUJO LIMA, Janderson. **A tarefa do professor no processo do ensino-aprendizagem em Tomás de Aquino**. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). Uni-Academia, Juiz de Fora, 2022.

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a tarefa do professor no processo de ensino-aprendizagem, segundo a perspectiva de Tomás de Aquino. O ato de ensino, como atividade da vida ativa, precisa contar com pessoas instruídas e capacitadas, a fim de que realize com perfeição o seu trabalho. Embora a centralidade deste processo educacional seja o aluno, agente ativo, é necessário ao professor transmitir com propriedade o conhecimento científico. Portanto, entende-se que, na perspectiva tomasiana, a função do professor, além de ser comparada com o exercício do médico que apenas trata a doença com o conhecimento que possui, é comparada também ao agricultor, o qual é responsável em cultivar e cuidar a planta, fazendo com que essa desenvolva suas capacidades que lhe são intrínsecas, ou seja, cresça e dê frutos. Assim, sendo o ser humano singular, o seu potencial de aprendizado amplia-se quando esse é despertado a potencializá-lo, transformando-o efetivamente em ato, por intervenção de um professor que, como facilitador, pode realizar tal processo com entusiasmo e paciência. Para o aprofundamento deste estudo, foi utilizada como referência central, para a compreensão do ensino-aprendizagem em Tomás de Aquino, a obra ***De Magistro*** (2004), assim como outras obras que se fizeram necessárias para este estudo.

Palavras-chave: Educação. Tomás de Aquino. Ensino-aprendizagem. Professor.

SOMMARIO

Il presente lavoro mira a presentare il compito dell'insegnante nel processo di insegnamento-apprendimento in Tommaso d'Aquino. L'atto dell'insegnamento, come attività di vita attiva, ha bisogno di persone educate e formate, affinché possano svolgere perfettamente il loro lavoro. Anche se la centralità di questo processo educativo è lo studente, agente attivo, è necessario che il docente trasmetta adeguatamente la conoscenza scientifica. Si comprende quindi che nella prospettiva tommasiana il ruolo dell'insegnante, oltre ad essere paragonato all'esercizio del medico che cura la malattia solo con le conoscenze di cui dispone, è anche paragonato all'agricoltore, cui spetta coltivare e curare la pianta, facendole sviluppare le sue capacità intrinseche, cioè crescere e portare frutto. Pertanto, poiché l'essere umano è unico, il suo potenziale di apprendimento viene ampliato quando viene risvegliato per potenziarlo, trasformandolo efficacemente in un atto, attraverso l'intervento di un insegnante che, come facilitatore, può svolgere questo processo con entusiasmo e pazienza. Per l'approfondimento di questo studio, l'opera ***De Magistro*** (2004) è stata utilizzata come riferimento centrale per la comprensione dell'insegnamento e dell'apprendimento in Tomás de Aquino, così come altri lavori necessari per questo studio.

Parole-chiave: Educazione. Tommaso d'Aquino. Insegnamento-apprendimento. Insegnante.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA FILOSOFIA TOMASIANA	12
2.1 O PAPEL DAS UNIVERSIDADES NO SÉCULO XIII	14
2.2 A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA	17
3 ELEMENTOS DA DOCÊNCIA SEGUNDO A <i>DE MAGISTRO</i>	22
3.1 O PLANO DA OBRA <i>DE MAGISTRO</i>	24
3.2 O CONCEITO DE ATO E POTÊNCIA.....	27
3.3 O ENSINO-APRENDIZAGEM	28
3.4 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	30
4 CONTRIBUIÇÕES DA OBRA <i>DE MAGISTRO</i> NO PROCESSO DO DESEMPENHO DO PROFESSOR.	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Tomás de Aquino, (1225-1274 d.C.), ao se tratar especificamente do campo da educação, produziu a obra intitulada *De Magistro* (2004). Nesta referida obra, observamos que o filósofo não utiliza a palavra **educação**, mas explicita seu pensamento sobre o papel do professor e do aluno, além da importância de cada um deles no ensino e na aprendizagem.

Conhecido por Doutor Medieval, Aquinate, Doutor Angélico e Doutor Comum, Tomás de Aquino foi um pensador cristão de muita importância no século XIII. Suas sistematizações deram grandes contribuições para a síntese entre as sabedorias teológica e filosófica, ou seja, a síntese entre a fé e a razão. Suas elaborações filosóficas, apoiadas na Filosofia aristotélica, influenciaram diversos pensadores, por tocarem a essência humana, na busca de respostas, diante da complexidade das questões sobre a vida, as quais estão em torno do pensamento do homem ao longo da história.

Em Tomás, não há ensino sem aprendizagem. Aprender é uma atividade peculiar do aluno, isto é, desenvolvimento, cujo principal responsável é ele mesmo, ou seja, o aprendiz e, em particular, a sua capacidade de conhecer. Mesmo que a centralidade deste processo educacional seja o aluno – agente ativo – é necessário ao professor (mestre) transmitir com propriedade o conhecimento científico.

Na Filosofia tomasiana, o principal mestre do homem é Deus, ou seja, Aquele que, em sua sabedoria, dispôs o Universo, de modo o poder o homem discernir os problemas, ordenando-os de tal forma que surgiram uma solução. Desse modo, aquele que ensina (o mestre) participa ativamente do divino magistério. É de extrema responsabilidade o ofício do mestre, uma vez que está para além do agente ativo (aluno), todavia, possui um valor transcendente, pois tem a tarefa de ser um mestre.

Considerando, portanto, a atitude de aprendiz uma postura inerente ao aluno, importa enfatizar o problema central do trabalho, a saber: como a Filosofia da educação de Tomás de Aquino pode auxiliar no aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem? O fato é que na pedagogia tomasiana o principal agente do processo educativo não é o professor, mas, sim, o aluno. O professor é auxiliar, facilitador, mediador, no processo de ensino-aprendizagem; é aquele que ajuda o aluno a desenvolver suas capacidades, colaborando no auxílio e esclarecimento de suas próprias atividades.

Veremos que o aprendizado em Tomás de Aquino é uma evolução que passa da potência para o ato, já que a mente humana possui capacidades genuínas ou potenciais para serem colocadas em ação. Assim, visando responder à questão-problema deste trabalho, a metodologia utilizada enquadra-se no formato de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, constituindo-se como investigação teórica desenvolvida a partir de leitura sistemática e aprofundada de algumas obras de Tomás de Aquino e de comentadores que auxiliaram na abordagem do tema proposto.

Para o desenvolvimento do estudo, destaca-se a obra ***De Magistro*** (2004), que ocupa lugar central na fundamentação teórica desta pesquisa. Como obra secundária, destaca-se **A Filosofia da educação de Sto. Tomás de Aquino** (1935), de Mary Helen Mayer e Edward A. Fitzpatrick. Essa se justifica por oferecer uma aprofundada compreensão sobre a pedagogia tomasiana, além da **Suma contra os gentios** (2017) de Tomás de Aquino.

Como comentadores, algumas obras foram utilizadas para uma melhor fundamentação do tema abordado, dentre elas: **Iniciação à história da Filosofia** (2004), de Danilo Marcondes; **História da Filosofia Cristã** (2012), de Etienne Gilson e Philotheus Boehner; **O Trivium** (2008), de Ir. Míriam Joseph; **Os intelectuais na Idade Média (2003)** de Jacques Le Goff. Dentre estas, outras obras também foram utilizadas no desenvolvimento desta pesquisa, visando colaborar para um esclarecimento mais significativo de sua proposta.

O desenvolvimento do trabalho foi dividido em três partes, a saber: **O contexto da Filosofia tomasiana**, que tem por objetivo proporcionar um primeiro contato que nos darão elementos sobre a vida, obra, pensamento de Tomás, passando pelas universidades no século XIII e a educação; **Os elementos da docência na obra *De Magistro***, que se constitui como um elemento valoroso nesta pesquisa. Nosso objetivo é apresentar, a partir dos artigos estruturais da referida obra, os quais Tomás de Aquino aborda sobre como a verdade é transmitida ao homem, além das seções as quais serão apresentadas o plano da obra, os conceitos de ato e potência, ensino-aprendizagem e a relação do professor e aluno; **Contribuições da obra *De Magistro* no processo do desempenho do professor**, o professor deve buscar meios para garantir a aprendizagem dos alunos, buscando mediar o processo de transformação de suas potências em aprendizagem real, ou seja, numa linguagem tomasiana, transformar suas potências em ato.

Por fim, o tema proposto é bem necessário e atual. A proposta deste trabalho não é esgotá-lo, antes, porém, dar significado às questões que estão relacionadas à vida humana.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA FILOSOFIA TOMASIANA

Pretende-se, nesta primeira anílea, reunir alguns elementos mais importantes sobre o contexto da Filosofia tomasiana, selecionando elementos sobre a vida, obra, pensamento do aquinate, as universidades no século XIII e a educação. Tais elementos foram escolhidos, a fim de apresentar algumas ideias que norteiam esta pesquisa. O objetivo principal é proporcionar um primeiro momento de contato com o objeto da investigação e apontar a relevância do Filósofo e do tema empreendido neste estudo.

Tomás de Aquino nasceu no castelo de Rocassecca, na Itália, localizado entre a cidade de Roma e Nápoles, no ano de 1224. Educado na Abadia de Monte Cassino, aos quinze anos entrou para a Universidade de Nápoles, onde estudou Artes Liberais e tomou contato com a Lógica e a Filosofia Natural de Aristóteles. Aos dezenove anos, entrou na Ordem dos Dominicanos. Logo após, foi enviado para a Universidade de Paris onde veio tornar-se um dos seus mais ilustres professores (MARCONDES, 2004).

Também conhecido por aquinate, foi um pensador, filósofo e teólogo cristão de grande expressão na Idade Média o que lhe concedeu alguns títulos como: Doutor Medieval, Doutor Angélico e Doutor Comum. De muita importância foram as suas obras, as quais contribuíram para o aprofundamento dos saberes teológico e filosófico. Seus estudos, provenientes do encontro da sabedoria cristã com a Filosofia grega, influenciaram e, ainda hoje, influenciam muitos pensadores, principalmente por tocarem na essência humana, a qual necessita de respostas sobre os desafios enfrentados em toda sua história.

Com isso, nota-se que as primeiras traduções latinas das grandes obras de Aristóteles, disponibilizadas ao Ocidente, permitiram a união da inteligência teológica e a inspiração aristotélica, possibilitando uma nova perspectiva e uma influência direta para a elaboração de sua teoria educacional.

Os escritos de Aristóteles exerceram grande influência, a ponto da história da Filosofia Cristã dos séculos XIII e XIV ser essencialmente um debate vivo e intenso em torno das várias formas da Filosofia aristotélica (BOEHNER; GILSON, 2012).

O doutor comum não pensa em fundar uma nova Filosofia, mas ressignificar sobre o edifício histórico filosófico o seu pensamento. Nesta premissa, observamos que:

A história da filosofia cristã desconhece qualquer tentativa de demolir a totalidade daquilo que se construíra no passado, com o fim de erguer um edifício em bases inteiramente novas. Quase todos os pensadores cristãos levam em conta seus predecessores imediatos, cuja obra procura aprofundar e melhorar. E todos, sem exceção, reportam-se pelo menos a um ou outro antecessor, de quem se sentem devedores. Em parte alguma se verifica ruptura com o passado (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 13).

Nas produções do aquinate, percebe-se que a Filosofia e a Teologia são perfeitamente distintas uma da outra, tendo cada uma o seu lugar, havendo uma harmonia entre a fé e a razão. Esta afirmação esclarece-se a partir do princípio de “a razão, como natureza criada por Deus, e a fé, como revelação do mesmo Deus, não podem se contradizer, visto que procedem da mesma fonte da verdade” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 451). Do mesmo modo:

A teologia nos dá acesso às verdades necessárias à salvação; por isso, Deus não nos revelou todas as verdades possíveis sobre as coisas. Por conseguinte, ao lado da ciência da revelação ou teologia, há lugar para uma consciência natural. Donde a possibilidade de uma filosofia, que investiga as coisas como objetos independentes de pesquisa [...]. A filosofia e a teologia são diferentes pelos respectivos métodos [...]. O filósofo tira os seus argumentos das essências das coisas, ou seja, de suas causas próprias. O teólogo, ao contrário, parte sempre da Primeira causa ou de Deus [...]. (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 451).

As elaborações tomasianas, as quais são base de formulações da Filosofia Cristã designam de um movimento medieval denominado Escolástica. Este movimento é entendido como as disciplinas filosóficas e teológicas, ensinadas nas escolas medievais. Ademais, escolástico era chamado todo professor que lecionava em uma dessas escolas, ou detinha a ciência que era instruída nas escolas (BOEHNER; GILSON, 2012).

Sendo assim, as primeiras traduções latinas das grandes obras de Aristóteles, disponibilizadas ao Ocidente, por intermédio dos árabes, permitiram uma renovação das ideias para os pensadores cristãos, tendo em vista, principalmente, a união entre os saberes teológico e filosófico, possibilitando uma nova perspectiva ao movimento Escolástico. Com isso, além de Aristóteles e da influência árabe, vemos a da tradição agostiniana, assim como da tradição patrística em geral. Entretanto, “é inegável que o florescimento da Filosofia Cristã no século XIII se deu sob a influência essencial do pensamento aristotélico” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 360).

Por isso tudo, vemos que um dos fatores mais expressivos da Filosofia Escolástica é a harmonia que lhe caracteriza pela ação causada, através dos sistemas orientais, como também pela influência unificadora das universidades.

Tendo em vista a importância das universidades, é importante ressaltar a contribuição dos pensadores árabes e de outros pensadores não-cristãos, os quais foram de grande interesse, por parte dos intelectuais da época, pois suas obras representaram a descoberta de grandes novidades que proporcionaram um conhecimento das ciências naturais que não era desenvolvido naquele período (MARCONDES, 2004).

Tomás de Aquino, ao buscar no patrimônio aristotélico como ponto de partida das suas investigações, busca estabelecer o verdadeiro limite entre a Filosofia e a Teologia, tendo as suas obras influenciado positivamente o mundo ocidental, permitindo um olhar intelectual e sem preconceitos para as obras aristotélicas, o que era um grande desafio para aquela época. O aquinate conseguiu unir os saberes teológico e filosófico deixando clara a relevância, distinção e exclusividade de cada um.

Por conseguinte, Boehner e Gilson (2012) apontam que Tomás foi o grande responsável em retificar, de forma original, o aristotelismo que caminhava junto à Teologia, servindo este, futuramente, de apoio a ela. Sendo assim, para os autores, o que encontramos nas obras tomasianas não é um aristotelismo genuíno, uma vez que os conceitos aristotélicos, estudados por Tomás, devem ser interpretados à luz de seu próprio pensamento e não do pensamento de Aristóteles.

Desde modo, reconhecendo a importância de Tomás de Aquino na interpretação das obras aristotélicas e no aprofundamento filosófico, veremos, a seguir um breve conceito da Idade Média, tema pertinente a este trabalho.

2.1 O PAPEL DAS UNIVERSIDADES NO SÉCULO XIII

Na perspectiva de Marcondes (2004), o século XIII foi uma época em que ocorreu um florescimento científico, cultural e econômico sem precedentes, denominado Alta Escolástica. Para o autor, nesta época de grande notoriedade histórica, um dos acontecimentos relevantes foi o movimento intelectual emanado da Universidade de Paris, os quais refletiram as grandes transformações ocorridas na Europa Ocidental que impulsionaram a efervescência filosófica no referido século.

Este movimento revela-se como o florescimento de uma das experiências humanas mais marcantes e decisivas não só deste período, mas também especialmente das épocas posteriores. Assim, percebe-se a assunção da universidade como um lugar maior do espírito humano na identidade intelectual, dado a pensar o mundo para além do prosaico do cotidiano.

Não obstante, entende-se que na Idade Média a universidade caracterizava-se mais por uma realidade espiritual do que por um centro universitário, tal como vemos na atualidade, já que, além de estarem presentes próximas às grandes catedrais, eram também, em sua maioria, compostas por membros do clero e das ordens religiosas. Uma das mais importantes universidades, daquele período histórico, era a de Paris (BOEHNER; GILSON, 2012). Por isso:

Do ponto de vista das instituições eclesiásticas, encontramos no período do nascimento e da organização das universidades. Se a primeira universidade é a de Bolonha, mais interessada no direito e do que na teologia, e independente da autoridade eclesiástica, o primeiro e mais importante centro universitário de filosofia e de teologia é o de Paris. Por ação sobretudo de Inocêncio III, ele se torna o verdadeiro cérebro da “república cristã”, forja onde se elaborou uma cultura teológica mais sólida. Antecedida pela escola de Chartres e pela Escola de São Vitor, essa universidade nasceu em 1200, ano no qual Felipe Augusto subtraiu os mestres e os estudantes da jurisdição ordinária e os submeteu ao bispo de Paris que exercia sua autoridade mediante ao chanceler. Portanto, 1200 marca o ato do nascimento dessa universidade [...] (ANTISERE; REALE, 2017, p. 545, grifo do autor).

Sendo assim, o surgimento das universidades trouxe inúmeros benefícios, para estudantes e professores, basta ver que pertencer a esta instituição confiava diversos privilégios econômicos e legais para ambos.

Organizados em corporações de ofício, os professores universitários eram detentores de um conhecimento que os distinguiam de um elevado grau de prestígio. Por isso: “em fins da Idade Média e graças às universidades, a educação acadêmica tornou-se uma marca de distinção social e o grau de doutor reclamava quase tanta deferência como um título de nobreza” (RÜEGG, 1992, p. 21).

Durante o referido século, o termo mais utilizado era *universitas*, que do latim clássico significa **totalidade** ou **todo**. Igualmente, este termo também foi acrescido pelas pessoas a quem ele significava, tal como **a universidade dos mestres** ou **a universidade dos mestres e estudantes**. Isso pressupunha que as universidades se designava também como um local de comunidade, de um grupo (RÜEGG, 1992).

Como já mencionado, o século XIII é o século das universidades. Nesta perspectiva Le Goff (2003) cita dois fatores históricos deste período, um sobre a luta política entre o poder temporal e o poder eclesiástico e outro diretamente ligado à difusão do pensamento aristotélico no Ocidente. Entretanto, outros fatores tiveram relevância no nascimento dessa instituição, a exemplo, o renascimento urbano, o florescimento do comércio e o surgimento do mercador, além de pesquisas que estão ligadas a origem das universidades medievais a escolas árabes e as escolas do século XII.

Na visão filosófica e teológica, a Universidade de Paris foi a primeira a ser criada, demonstrando grande relevância no século XIII, muito além da universidade de Bolonha, a qual era considerada a maior, ou seja, a mais velha, e a Oxford, a mais nova entre as três. Além disso, o século XIII, época clássica da Filosofia medieval, é marcado pelo estabelecimento das várias posturas adotadas não só no meio acadêmico, como também nos diversos campos da Filosofia, em relação ao aristotelismo nas Universidades de Paris, Toulouse e Oxford, mas também nas grandes ordens religiosas. O fato dá-se através do importante desempenho dos dominicanos na interpretação de Aristóteles. Os pensadores dessa época eram os responsáveis por estabelecer um equilíbrio entre a fé e razão. A razão escolástica, em Aristóteles, é proveniente de outras fontes, porém, é somente em torno do Filósofo que é exercida (LE GOFF, 2003).

Coube ao aquinate o árduo trabalho de estabelecer o equilíbrio entre os dois conhecimentos naquele período, a saber: o conhecimento que foi revelado pela Teologia Cristã, bem como o pensamento aristotélico. A maneira pela qual se ensinava no período escolástico, presente nas Universidades, era a lição e a disputa, a lição era baseada em uma interpretação de texto, o qual poderia ser de cunho aristotélico, para os mestres em Artes (LE GOFF, 2003).

Tal método deu origem a muitos comentários, os quais diziam que a Idade Média nos deixou e, não obstante aos disfarços de um comentário simples do texto, foi possível enxergar um pensamento original. No tocante à disputa, compreendia-se em um torneio dialético, o qual ocorria sobre o comando de um ou mais mestres, os quais sustentavam argumentos pertinentes ou contrários a alguma colocação e, após algumas rodadas, o mestre analisava os argumentos e determinava a favor ou contra a solução. As disputas ocorriam nos finais de semana e, às vezes, com o prazo mais alongado. Ao passo que, as outras, sempre na páscoa ou natal

(LE GOFF, 2003).

Portanto, tendo as universidades exercido importante papel cultural e pedagógico na Idade Média, faz-se necessário uma breve compreensão sobre a educação daquele período.

2.2 A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA

A escola, como nós a conhecemos na atualidade, é um produto da Idade Média. Vemos, assim, a presença de um professor que ensinava a muitos alunos de diversas procedências e que deveria responder pela sua atividade à Igreja ou a outro poder (seja local ou não). Não obstante, a estrutura das escolas era marcada por suas práticas ligadas à leitura, aos autores, à discussão, ao exercício, ao comentário, à arguição e às práticas disciplinares, também presentes nas catedrais, e, sobretudo, nas universidades. Vêm de lá também alguns conteúdos culturais da escola moderna e, até mesmo, contemporânea: o papel do latim, o ensino gramatical e retórico da língua; a imagem da Filosofia, como lógica e metafísica (FRANÇA, 1952).

Nesse sentido, a Igreja Católica exerceu importante papel na criação de novas diretrizes do ensino secular, uma vez que:

Após a queda do Império, escolas romanas leigas e pagãs continuaram funcionando precariamente em algumas cidades, com o clássico programa das sete artes liberais. Quase não há documentos que comprovem a existência dessas escolas depois do século V, mas certos fatos nos levam a crer que ainda existiram por algum tempo. Por exemplo, como de início os bárbaros conservaram as características da organização administrativa do Império, o que exigia pessoal instruído, é de supor que necessitassem ser iniciados nas letras latinas [...]. Com a decadência da sociedade merovíngia, porém, essas escolas também teriam entrado em desagregação. Surgiram então as escolas cristãs, ao lado dos mosteiros e catedrais, e, como consequência, os funcionários leigos do Estado passaram a ser substituídos por religiosos, os únicos que sabiam ler e escrever. (ARANHA, 2006, p. 105-106).

Pensar no *Trivium* (gramática, lógica e retórica) e no *Quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia) exige de nós uma compreensão, ainda que exígua, mas com vistas no que é o essencial, do que é chamado Educação Clássica, pois tal modo de educação dita a forma como hoje a compreendemos.

Na perspectiva de Joseph (2008), a educação liberal da Idade Média, que comporta o corpo didático já formado do *Trivium*, é a educação da antiguidade clássica

resgatada e mais desenvolvida. Quando falamos em educação liberal, pensamos numa educação que liberta o homem das **trevas** da ignorância e do desconhecimento. A educação clássica, ao contrário, visa, portanto, ao olhar voltado para o homem em sua totalidade.

Sob este aspecto, traçando a história da educação, podemos perceber que a pedagogia clássica do medievo desenvolve-se a partir da chamada *Paideia* dos gregos. A educação romana também foi fortemente influenciada por este modelo, chegando aos cristãos medievais, sob uma nova compreensão e interpretação.

Uma das finalidades principais da educação, durante a Idade Média, era conduzir o homem à sabedoria, pois compreendia-se que tal sabedoria era um retorno à essência do ser humano. O *Trivium*, principal base educacional desta época, em muito cooperou com este processo e, através destas Artes Liberais, era possível preparar-se para todo e qualquer conhecimento, proporcionando ao aprendiz um aprofundamento, para além daquilo que era ensinado, desenvolvendo, assim, as suas capacidades linguísticas, lógicas e gramaticais (JOSEPH, 2008).

Posto isto, é premente afirmar que o estudo do *Trivium* corrobora de maneira eficaz com a vida intelectual, potencializando e amadurecendo as habilidades cognitivas do homem, a fim de conduzi-lo a uma imersão mais profunda na sabedoria e no conhecimento filosófico (NASSER, 2008).

As Sete Artes tiveram seu início na Grécia Clássica, mas ganharam notoriedade na Idade Média. Segundo Joseph (2008), neste período histórico, o *Trivium* e o *Quadrivium* desenvolveram-se como corpo didático formado, mas o seu processo de constituição deu-se, desde o século II na Alexandria. Todavia, ao apresentar fontes históricas, quanto à origem das Sete Artes, Nasser (2008) esclarece que elas são o resultado da lenta maturação, a partir de fontes pitagóricas e possivelmente anteriores, com decisivas influências platônicas, aristotélicas e agostinianas, além de complementações metodológicas de Marciano Capela (início do século V), Severino Boécio (480-524), João, conhecido como o Gramático (490-570), Flávio Cassiodoro (490-580), até chegar ao monge Alcuínio (735-804), o organizador da escola carolíngia em Aix-en-Chapelle. Após este período, o *Trivium* e o *Quadrivium* assumiram a sua forma definitiva com os Capitulares¹ de Carlos Magno

¹ Conjunto de leis escritas por Carlos Magno que influenciou o processo de descentralização política que marcou toda a Europa do século VIII.

(742-814) e, posteriormente, passaram a ser aplicados como programas de ensino nas escolas monacais, catedrais e palatinas.

O *Trivium*, ou, as três vias, é composto pela arte liberal da Gramática, da Lógica e da Retórica. Segundo a definição de Joseph (2008, p. 27): “A lógica é a arte de pensar; a gramática, a arte de inventar símbolos e combiná-los para expressar pensamento; e a retórica, a arte de comunicar pensamento de uma mente a outra, ou de adaptar a linguagem à circunstância”.

Conforme visto, as Artes Liberais foram estudadas ao longo de todo o medievo por vários homens do saber, dentre eles, Hugo de São Vítor (1096-1141) que via a Gramática como a ciência de falar sem erro, a Dialética² como a disputa aguda que distingue o verdadeiro e o falso e a Retórica como a disciplina que se ocupava em persuadir sobre tudo o que for conveniente (NASSER, 2008).

O *Trivium* também influenciou diretamente as bases da Escolástica, grande método filosófico que medrava maiormente no século XII. Neste sistema o *Trivium* era utilizado, tendo em vista a Gramática como a responsável em zelar para todos falem a mesma coisa, a Dialética a responsável em problematizar o objeto de discussão e a Lógica como o antídoto correto contra o verbalismo vazio (NASSER, 2008).

Todavia, no entendimento de Nasser (2008), também no século XXI, a problematização com as Artes Liberais foi trazida em voga com a Irmã Míriam Joseph (1898-1982), uma das grandes autoras que atualizou o estudo do *Trivium* na modernidade, com o mesmo impulso de Mortimer Adler (1902-2001). Ela realizou um projeto educacional que visava a preparação de estudantes para a vida universitária, independente do curso, incluindo aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à mente.

Sendo assim, para Joseph (2008), escritores como Shakespeare e outros autores da Renascença têm em suas obras o resultado de um treinamento exercitado por hábitos intelectuais provindos das Artes Liberais. No currículo do período clássico, Idade Média e pós-Renascença o *Trivium* era basilar.

Podemos, por fim, diante do exposto, compreender que as disciplinas tinham uma finalidade muito mais ampla do que ensinar um conteúdo utilitário, como acontece

Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/imperio-carolingio.htm>>. Acesso em: 05 out. 2022.

² Após a tradução das obras completas de Aristóteles, a Dialética tendeu a chamar-se Lógica (JOSEPH, 2008).

na modernidade. Por isso, é importante mencionar que:

[...] desde o *Trivium*, as disciplinas nunca tiveram conceitualmente o estatuto de fim em si mesmas, desempenhando sempre duplo papel: o de mediação entre o conhecimento em sentido pleno, que incluía a arte ou mesmo a religião, e aquilo que deveria ser ensinado às crianças, aos indivíduos em formação; e o de meio para o desenvolvimento pessoal, para a formação do caráter, para a construção da cidadania. O *Trivium* não visava a qualquer formação específica ou à preparação para o trabalho, destinando-se a todos os cidadãos; aliás, não é outra a origem da expressão “isto é trivial”. A subversão das funções das disciplinas, com a transformação de meio em fim, é uma corrupção moderna da ideia original (MACHADO, apud PERRENOUD, 2002, p. 138, grifo do autor).

Contudo, segundo Joseph (2008), naquele período histórico, o domínio das artes liberais era amplamente reconhecido como uma preparação para o estudo nas escolas de formação profissional, tais como as de medicina, direito, engenharia ou Teologia. Aqueles que primeiro aperfeiçoam suas próprias faculdades, através da educação liberal, estavam, deste modo, mais bem preparados, para servir aos outros em sua capacidade profissional.

Não obstante, entende-se que as sete artes liberais diferem essencialmente das muitas artes ou ofícios utilitários (tais como carpintaria, alvenaria, vendas, impressão, edição, serviços bancários, direito, medicina ou o cuidado das almas) e das sete belas-artes (arquitetura, música instrumental, escultura, pintura, literatura, teatro e dança), pois tanto as artes utilitárias como as belas-artes são atividades transitivas, enquanto a característica essencial das artes liberais é que elas são atividades imanentes ou intransitivas (JOSEPH, 2008).

Quanto à escola existente naquele período histórico, ela constitui como uma grande e importante novidade, diferenciando-se de tudo aquilo que os antigos chamavam pelo mesmo nome. Ela retira da civilização pagã a matéria do ensino de maneira mais elaborada e totalmente nova (DURKHEIN, 1995).

Por isso tudo, é cabível destacar que a base educacional do Ocidente provém de escolas catequéticas que atuavam nas igrejas, claustros e mosteiros, portando, assim, o gênero muito humilde e modesto donde saiu todo o sistema de ensino Ocidental. As escolas elementares, universidades e colégios também são originários desta estrutura. Sendo assim, a nossa organização escolar, em toda sua complexidade, derivou desta célula primitiva, tendo as suas alterações significativas ao longo da história (DURKHEIM, 1995).

Logo, compreendendo a importância das universidades e da educação na Idade Média, passaremos para a próxima sessão, na qual, entenderemos alguns elementos da docência na Obra *De Magistro*.

3 ELEMENTOS DA DOCÊNCIA SEGUNDO A *DE MAGISTRO*

Os elementos da docência, segundo a obra *De Magistro*, constitui-se como um elemento valioso da pesquisa empreendida. Nosso objetivo é apresentar os artigos estruturais da referida obra. No primeiro artigo, Aquinate apresenta uma discussão se somente Deus pode ensinar e ser chamado de mestre. No segundo artigo, Tomás discute o ensino, em oposição ao alcance do conhecimento por si só, afirmando a superioridade do ensino. No terceiro artigo, discute se o homem pode ser ensinado por um anjo. Por último, Tomás demonstra que o ato de ensinar consiste em uma ação tanto ativa quanto contemplativa (AQUINO, 2004), como se verá.

O ato de ensino, como atividade da vida ativa, precisa contar com pessoas instruídas e capacitadas, a fim de que realize com perfeição o seu trabalho. Mesmo que a centralidade deste processo educacional seja o aluno, agente ativo, é necessário ao mestre transmitir com propriedade o conhecimento científico.

Na Filosofia tomasiana, o principal mestre do homem é Deus: “Aquele que, em sua sabedoria, dispôs o Universo, de modo o poder o homem discernir os problemas, ordenando-os de tal forma que surgiram uma solução” (MAYER; FITZPATRICK, 1935, p. 128). Desse modo, aquele que ensina (o mestre) participa ativamente do divino magistério. É de responsabilidade o ofício do mestre, está para além do agente ativo (aluno), todavia, possui um valor transcendente, pois tem a tarefa de ser um mestre que torna vivo o mestre interior.

Para o bom desenvolvimento do ofício docente e discente, o professor tem de usar a autoridade, a qual, na visão do Aquinate, é um meio necessário e pedagógico, capaz de manifestar o desejo pela Verdade no aluno. Conforme explica-se:

A visão de Santo Tomás, não implica um autoritarismo. É claro que a figura do mestre está orlada pela autoridade, é intrínseco a sua função. Contudo o mestre não viola os princípios fundamentais antropológicos como a liberdade, o respeito, o próprio processo de aprendizagem. O mestre não infringe a condição humana, ao contrário, está a favor dela. O mestre deve estar a favor da natureza humana e por isto respeitar sua condição. Por condição pode se entender as limitações próprias do homem, por exemplo, para uma criança aprender determinado assunto é necessário tempo. O mestre não pode exigir aprendizado desconsiderando o tempo, outra coisa poderá ser idade, um adulto em processo de alfabetização é diferente de uma criança. Aplicar o mesmo método para ambos desrespeita a condição de cada qual (SANTOS; LOPES; PRADO, 2012, p. 11).

Cabe ressaltar que o ofício exercido da autoridade pelo professor é um meio pelo qual ajuda aquele que aprende, caminhar pelo lado correto e não é contrário à

liberdade no processo da aprendizagem dele. O mestre deve passar confiança ao seu discípulo, precisa estar atendo ao cotidiano dos educandos para ter sintonia com eles. Além disso, o mestre não é só aquele que auxilia, ele é um ser intelectual que precisa se colocar à disposição sobre quaisquer peculiaridades de cada aluno. Em suma, o mestre tem de ser próximo da realidade de cada discípulo (MAYER; FITZPATRICK, 1935).

É possível analisar, na Filosofia da educação de Tomás de Aquino, que o professor é aquele que vê no aluno suas qualidades e dificuldades e, além disso, ele dá a devida importância ao caminho do conhecimento, a fim de que leve o aluno a contemplação da verdade. O mestre é o auxiliar de seu discípulo, capacitado para ensinar e a fazer com que o aluno descubra a verdade escondida em seu Ser. Desse modo, é tarefa do professor levar o aluno à transcendência sensível, a qual o ajudará a potencializar o conhecimento intelectual em ato.

Além disso, cabe ao professor uma segunda observação, guiar seu aluno, desviando dos erros que façam cair na ignorância. Como afirma o doutor comum:

Pertence, com efeito, ao que aceitam um dos termos contrários refutar o outro, como, por exemplo, acontece na medicina: esta trata da saúde e afasta a doença. Portanto, como pertence ao sábio considerar principalmente o primeiro princípio e discorrer sobre outros, pertence-lhe impugnar também o erro contrário (AQUINO, 2017, p. 48).

Diante disso, um professor que não orienta o seu aluno sobre os riscos que podem ocorrer no caminho das inverdades, erra na sua missão de mestre, uma vez que sua tarefa de contrariar os erros contrários a verdade é sua obrigação e não uma opção, é necessário encaminhar o aluno no caminho da verdade. Um mestre não deve se calar em meio às adversidades de argumentos, falsas ideias, sua função é fazer com que o discípulo alcance sua realização pessoal, direito a plena cidadania, desejos e sonhos, através do conhecimento. Um professor não guarda a sabedoria para si, mas cresce à medida que ensina e, desse modo, ajuda os outros a contemplar a verdade, crescendo cada vez mais.

Por fim, grande é o ato daquele que conduz o pequeno a crescer de tal modo que se torne maior que aquele que ensina. O professor, na Filosofia tomasiana, tem de ser assim, não sendo o principal elemento do conhecimento, mas aquele que ajuda no processo de crescimento do aluno, podendo guiá-lo em qual caminho é real e seguro e que o conduzirá com tranquilidade no caminho e no encantamento da

verdade. A educação é um árduo e longo processo que implica ao professor e ao aluno uma grande dedicação. Porém, a recompensa é muito maior por cada esforço e dificuldade. É uma relação mútua, ensinando e aprendendo, porque o caminho do homem ao conhecimento está além das relações humanas.

Por isso, apresentar-se-á na seção seguinte, os artigos contidos na obra *De Magistro*, a fim de que entendamos o plano geral da obra, já mencionada no início desta seção.

3.1 O PLANO DA OBRA *DE MAGISTRO*

Iniciando o seu primeiro artigo, o doutor comum apresenta diversos argumentos a respeito da tese de que somente Deus pode ensinar. Assim, apoiado na Palavra bíblica que está em Mt 28,3, a qual afirma que somente Deus é mestre, sendo somente Ele aquele que pode ensinar. Então, após apresentar diversos argumentos em favor da referida opinião, começa a apresentar argumentos contrários, os quais mostram que não é somente Deus aquele que pode ensinar. Aquinate toma por exemplo a palavra de 2Tm 1,11, na qual Paulo afirma que foi estabelecido como pregador e mestre, ou seja, chega ao entendimento de que o homem pode ensinar, não cabendo tal atribuição somente a Deus. Ainda, apoiando-se em Aristóteles, Tomás também chega ao entendimento de que o homem, possuindo o saber, pode também ensinar a outro (AQUINO, 2004).

Ao longo do seu tratado o filósofo apresenta alguns esclarecimentos sobre a forma com a qual se atinge o conhecimento e sobre o ensino, deixando claro que, para alguns, todas as formas sensíveis são derivadas de um agente extrínseco, que é uma substância ou constitui uma forma separada, nomeada, doador das formas, ou, também, inteligência agente, pela qual os agentes naturais, inferiores, agem somente preparando a matéria para a recepção da forma.

Do mesmo modo, para o Aquinate, outro argumento é o daqueles que dizem que tais formas naturais já estão em ato e que o agente natural apenas as traz de seu ocultamento, fazendo-as se manifestar. Assim, os hábitos são inerentes por natureza e, para operarem, é necessária a remoção dos obstáculos do mesmo modo com que se lima a ferrugem para chegar ao brilho do metal. Sendo assim, o conhecimento já seria pré-existente na alma desde a sua criação, sendo o papel do agente exterior e

do ensino conduzir a alma para recordar algo que já sabia, sendo o ato de ensinar a capacidade de fazer lembrar (AQUINO, 2004).

Em seu segundo artigo o filósofo aponta a necessidade de sustentar o fato de que as formas naturais são preexistentes nas matérias, não em ato, como mencionado anteriormente, mas em potência, sendo conduzidas ao ato por um agente extrínseco, e não somente pelo primeiro agente como já demonstrado. Para justificar seu argumento, Tomás, apoiado em Aristóteles, ratifica que os hábitos e virtudes preexistem em nós, em certas inclinações naturais, e que só conseqüentemente, pelo exercício constante e pelas obras, é que chegam à sua consumação. Do mesmo modo, é que ocorreria o conhecimento em nós, pois possuindo cada pessoa as sementes do saber, através da motivação do agente extrínseco, chegariam assim, ao conhecimento. Deste modo, quando a mente é conduzida a conhecer em ato as conseqüências particulares que antes estavam em potência nos universais, é possível dizer que adquiriu o conhecimento (AQUINO, 2004).

Em seu terceiro artigo, pergunta-se se ao homem pode ser ensinado por um anjo. A partir disso, o Tomás considera que, um ser angélico, pode sim, ensinar o humano. “Nada impede que o espiritual seja proporcionado a agir sobre o corpóreo, pois nada impede que o inferior sofra a ação do superior” (AQUINO, 2004 p. 56).

Entretanto, Tomás de Aquino, em seus princípios, sustenta o fato de que o ser angélico possui um modo intermedial de ensinar, isto é, abaixo ao de Deus, visto que são seres, os quais estão entre Deus e o homem. O que os anjos não são capazes é de infundirem a luz da graça, todavia, transcendem o ensino do homem, pois fortificam a luz natural infundida por Deus. Como esclarece o filósofo:

Já o anjo, como possui naturalmente uma luz intelectual mais perfeita do que a do homem, pode ser – no âmbito daqueles dois fatores - causa do conhecimento, se bem que de modo inferior ao de Deus, mas superior ao do homem. Quanto à luz, se bem que não possa infundir a luz intelectual como o faz Deus, pode, no entanto, fortalecer a luz infusa para que o homem veja mais perfeitamente. Pois tudo aquilo que é imperfeito em algum gênero recebe um fortalecimento quando se une a algo que é mais perfeito no gênero, como se vê também nos corpos: o corpo contido em um lugar é potenciado pelo corpo que o contém, que se relaciona com ele como ato para potência, como diz Aristóteles em IV Physicorum. Também por parte dos princípios pode o anjo ensinar a um homem. Certamente, por não comunicar o conhecimento dos princípios, como o faz Deus, nem propondo, por sinais sensíveis, a dedução das conclusões dos princípios, como faz o homem, mas formando na imaginação algumas espécies que podem se formar pelo estímulo de órgão corporal, como acontece com os que dormem ou com os que padecem de doença mental, os quais, segundo a diversidade de vapores que sobem à cabeça, têm diversos fantasmas. E deste modo, “mediante o

contato com um outro espírito, pode acontecer que, servindo-se de imagens desse tipo, um anjo mostre as coisas que ele conhece” [...] (AQUINO, 2004, p. 52-53, grifo do autor).

Por fim, no quarto artigo, o doutor comum discute se o ato de ensinar é da vida ativa ou contemplativa. No tocante à luz da concepção tomasiana, é considerável que a vida ativa e contemplativa são diferentes pela matéria, pois a vida ativa está ligada às realidades do tempo e, a contemplativa, com as essências inteligíveis das coisas, ou seja, a primeira, possui a ação como finalidade e, a segunda, refere-se ao estudo. Conforme explica:

Santo Tomás propõe a compreensão do significado de tais expressões, apresentando a vida ativa como a dimensão prática da existência humana, isto é, o conjunto de todo e qualquer tipo de ação que o ser humano possa cometer ou omitir, sendo, por seu turno, a vida contemplativa a expressão que traduz a dimensão teórica da existência humana, ou seja, o conjunto de todo e qualquer tipo de teoria que o ser humano possa elaborar, observar ou compreender. Assim, a finalidade da vida ativa é a orientação da ação da existência humana no âmbito do plano terreno, material e sensível, enquanto que a finalidade da vida contemplativa é a orientação da contemplação da existência humana no âmbito do plano celeste, espiritual e inteligível (BATISTA, 2010, p. 95).

Portanto, ao apresentar tais conceitos ao âmbito educacional, o aquinate sustenta que a vida ativa e a contemplativa estão ligadas ao ato de ensinar. Porém, ao dar importância a tais atos, Tomás defende que ensinar está mais ligado à vida ativa, como se pode perceber na seguinte explicação:

Ora, no ato de ensinar encontramos uma dupla matéria, o que se verifica até gramaticalmente pelo fato de que “ensinar” rege um duplo acusativo: ensina-se – uma matéria – a própria realidade de que trata o ensino e ensina-se – segunda matéria – alguém, a quem o conhecimento é transmitido. Em função da primeira matéria, o ato de ensinar é próprio da vida contemplativa; em função da segunda, da ativa. Porém, quanto ao fim, o ensinar é exclusivamente da vida ativa, pois sua última matéria, na qual se atinge o fim proposto, é a matéria da vida ativa. Daí que pertença mais à vida ativa do que à contemplativa, se bem que de algum modo pertença também à vida contemplativa, como dissemos (AQUINO, 2004, p. 61).

Feitas estas considerações acerca dos conteúdos e princípios que são de grande importância neste trabalho, e mostrando que, para o filósofo, na obra *De Magistro*, é desenvolvido sua concepção de ensino-aprendizagem, passaremos para a próxima seção, a qual, abordaremos os conceitos de ato e potência, temas pertinentes e necessários para a melhor compreensão.

3.2 O CONCEITO DE ATO E POTÊNCIA

Para que possamos compreender melhor o pensamento do aquinate, faz-se necessário uma exposição breve do pensamento de Aristóteles sobre o conceito de ato e potência, presente no livro IX da Metafísica (2002), que estabelece, em Tomás, um fio condutor no entendimento ao pensamento referente ao ensino. Será exposta uma análise geral sobre os conceitos citados, a fim de facilitar a compreensão do leitor essa relação. Como mencionado, em sua metafísica, Aristóteles aborda sobre a relação entre ato e potência, exposição essa muito relevante para determinar a ideia de movimento presente na referida obra e que influenciou o filósofo em seu pensamento.

No início de seu livro, Aristóteles faz uma abordagem sobre a Potência. Tal ideia está diretamente ligada ao movimento. Para o filósofo, potência é aquilo que possui princípio de mudança em outra coisa, ou na mesma coisa, ao passo que, em outro, a mudança pode ser passiva por meio de outro ou de si mesmo (ARISTÓTELES, 2002). Percebemos, portanto, essa notável relação no pensamento aristotélico entre a potência, movimento e mudança.

Além disso, por forças de semelhança é que algumas coisas são chamadas potência. Em contrapartida, são princípios todas as potências conforme a mesma espécie, e são ditas potências no tocante aquele que é potência em sentido primário, e que é princípio de mudança em outra coisa, ou na mesma coisa enquanto outra. (ARISTÓTELES, 2002).

É possível que exista algo em ato e não em potência ou vice e versa, conforme Aristóteles:

[...] pode ocorrer que quem tem capacidade de caminhar não caminhe, e que seja capaz de caminhar quem não está caminhando. Algo é empotência se o traduzir-se em ato aquilo de que se diz ser ele em potência não implica nenhuma impossibilidade. Dou um exemplo: se alguém tem potência para sentar-se e pode sentar-se, não terá nenhuma impossibilidade de fazê-lo quando tiver de se sentar. E, de modo semelhante, quando se trata da potência de ser movido ou de mover. De estar parado ou de parar, de ser ou de vir a ser, de não ser ou de não advir (ARISTÓTELES, 2002. p. 403).

O ato está atrelado ao termo *enteléquia*, que faz referência a uma plena realização de uma potencialidade e, este, sobretudo, emana dos movimentos. Entende-se, portanto, que algo é em potência, quando após se segue o ato, e o ato se dá, por meio do movimento, princípio de mudança que leva algo ao ato. No tocante

às potências existentes, é importante ressaltar que algumas são inatas, ou seja, elas existem, como os sentidos, ao passo que as outras atividades, como tocar um instrumento musical, pode aprender-se pelo meio da instrução. Todavia, para se adquirir potência através do exercício, é preciso uma atividade precedente (ARISTÓTELES, 2002).

Aristóteles determina dois tipos de seres: uns são aqueles capazes de mover-se através da razão, sendo racionais as suas potências, e os outros são irracionais, pois são privados de suas potências. Referente aos seres de potência racional, a Filosofia aristototélica ressaltava a importância de desejo de uma escolha racional. Para o filósofo aquele ser que é dotado de potência racional, manifestará, quando almejar, aquilo que tem potência e do modo como possui. Mas, é necessário que se encontre nas determinadas condições para exercer essa potência, caso não esteja, não poderá agir.

Após tratar sobre a potência em sua relação com o movimento, o que pode mover outro ou ser movido por outro, o Estagirita parte para a definição de ato, sua essência e sua propriedade. O ato é o existir de algo diferentemente de como foi apresentado o ser em potência. Conforme se explica:

O ato está para a potência como, por exemplo, quem constrói está para quem pode construir, quem está desperto para quem está dormindo, quem vê para quem está de olhos fechados, mas tem a visão, e o que é extraído da matéria para a matéria e o que é elaborado para o que não é elaborado. Ao primeiro membro dessas diferentes relações, atribui-se a qualificação de ato e, ao segundo, a de potência (ARISTÓTELES, 2002, p. 411).

Desse modo, todas as ações que possuem um termo, não têm um fim em si mesma, entretanto, tendem a alcançá-lo. Assim como aquele que se exercita tem como fim chegar a um melhor definição corporal, os corpos durante esse processo estão em movimento rumo à finalidade. Logo, essa ação não é perfeita, pois ela não é o fim. Entretanto, o movimento é ação tendo em vista o fim.

3.3 O ENSINO-APRENDIZAGEM

Tomás de Aquino, ao se tratar especificamente do campo da educação, produziu a obra intitulada *De Magistro*. Nesta referida obra, o doutor comum não utiliza a palavra **educação**, mas explicita seu pensamento sobre o papel do professor e do aluno e a importância de cada um deles no ensino e na aprendizagem.

O ensino não é mera transferência de conhecimentos. Para o Doutor Medieval não há ensino sem aprendizagem. Aprender é uma atividade peculiar do aluno, isto é, desenvolvimento, cujo principal responsável é ele mesmo, ou seja o aprendiz e, em particular a sua capacidade de conhecer (MAYER; FITZPATRICK, 1935).

Assim, sendo o aluno o protagonista do ensino-aprendizagem, o professor pode ser considerado um mediador entre o aluno e o programa. Conseqüentemente, para Aquino (2004), deve o conhecimento do professor ser tão perfeito quanto aquele que adquire o aluno, o qual, assimila fielmente e por atividade própria aquilo que lhe é transmitido.

Por meio da mediação do professor, o aluno terá não só o acesso a conteúdos, por vezes totalmente desconhecidos, como também poderá aperfeiçoar seus conhecimentos. O conhecimento do professor atua como auxiliar ao desejo do aluno. A experiência do aluno é enriquecida pela experiência do professor. Tal processo suscita interesse, problematização e atividade pessoal por parte do aluno. Assim, para o autor, o conhecimento e o constante aperfeiçoamento do professor são fundamentais para o desenvolvimento do aluno.

A capacidade de conhecer é anterior ao aluno, sendo, portanto, uma potência sobre a qual o professor atua enquanto facilitador que auxiliará o aluno a transformar tal potência em ato, ou seja, o aluno, a partir da mediação do mestre, construirá seu próprio conhecimento, deslocando-se da capacidade de conhecer que lhe é intrínseca, partindo, assim, para o conhecimento em ato, isto é, o um saber apropriado e construído pelo aluno.

Para Tomás de Aquino (2004), existem duas formas de conhecer, de realizar o movimento do saber, o movimento da potência para o ato. A primeira, por meio das próprias descobertas do aluno; a outra, ocorre por meio da mediação do professor. Na obra *De Magistro*, compara tal situação com a cura, já que existem duas formas de cura, sendo uma que ocorre pela ação da natureza e outra que ocorre pela ajuda dos remédios. Nesse caso, observamos que:

[...] no caso em que algo preexiste em potência ativa completa, então o agente extrínseco age somente ajudando ao agente intrínseco, fornecendo meios que possam fazer surgir o ato. É o que acontece com o médico que, na cura, é coadjutor da natureza – dela é principalmente a operação de cura –, ao fortalecer a natureza e aplicar remédios que a natureza usa como instrumentos para realizar a cura (AQUINO, 2004, p. 31).

O conhecer pelas próprias descobertas acontece, segundo, Aquino (2004) pela capacidade e determinação do aluno de aprender por meio de suas experiências familiares, escolares e culturais. Já o conhecer por meio da mediação do professor, se dá por meio de sinais. Nas palavras do autor:

[...] é por isto que se diz que o professor ensina o aluno: porque este processo da razão – que a razão natural faz em si – é proposto de fora pelo professor por meio de sinais, e assim a razão do aluno – por meio do que lhe é proposto como certos instrumentos de ajuda – atinge o conhecimento do que ignorava. E do mesmo modo como se diz que o médico causa a saúde no doente pela atuação da natureza, também se diz que o professor causa o conhecimento no aluno como atividade da razão natural do aluno (AQUINO, 2004, p. 32).

A concepção educacional revela-se, então, para Tomás de Aquino como uma evolução que acontece por determinação e atividade própria do sujeito do conhecimento. Entende-se aqui por evolução como um processo que passa da potência ao ato, ou seja, a potência é a possibilidade de vir a ser ato. Nesta perspectiva, a mente humana possui capacidades genuínas ou potenciais passíveis de serem postas em ação por livre decisão humana. Assim sendo, o conhecimento parte do particular para o universal, ou seja, do sensível para o inteligível. A mente humana é mais do que uma folha em branco destinada a receber a impressão de conteúdos prontos. Antes, possui capacidades genuínas ou potenciais, que são postas por livre determinação humana (MAYER; FITZPATRICK, 1935).

Portanto, compreendendo o processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessário, também, compreender a importância da relação professor-aluno, uma vez que, para Tomás de Aquino, é o professor o responsável em ajudar o aluno no processo de mediação para o alcance do conhecimento.

3.4 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Para Tomás de Aquino, educar consiste num processo de mediação entre o professor e o aluno, sendo o primeiro aquele que ajudará o aluno a transformar sua potência em ato. Assim o aluno é uma pessoa extremamente capaz, tem o potencial em si. Ainda, conforme Mayer e Fitzpatrick (1935), o que existe de potencialidade no homem, torna-se ato através do desejo de conhecer. O aluno é capaz de adquirir o conhecimento. O professor não concede nem pode conceder esta capacidade ao aluno, pois a potência de aprender pertence ao aluno, que, sob o auxílio do professor,

tem sua potência transformada em ato. O conhecimento do professor atua como auxiliar ao desejo do aluno. A experiência do aluno é enriquecida pela experiência do professor. Tal processo suscita interesse, problematização e atividade pessoal por parte do aluno. É possível denotar que:

[...] no caso em que algo preexiste em potência ativa completa, então o agente extrínseco age somente ajudando ao agente intrínseco, fornecendo meios que possam fazer surgir o ato. É o que acontece com o médico que, na cura, é coadjutor da natureza – dela é principalmente a operação de cura –, ao fortalecer a natureza e aplicar remédios que a natureza usa como instrumentos para realizar a cura (AQUINO, 2004, p. 31).

Além de comparar o exercício do professor com o do médico que apenas trata a doença com o conhecimento que possui, o aquinate compara o exercício do professor com o do agricultor, o qual é responsável em cultivar a planta e não em fazê-la dar frutos ou crescer, pois tais capacidades lhe são naturais (AQUINO, 2004). Do mesmo modo ocorre com o professor e o aluno, o professor não possui as condições necessárias para o aluno construir efetivamente o conhecimento, já que esse se encontra no aluno em potência. Cabe somente ao professor o incentivo e a mediação, considerando-se que o aluno possui em si o gérmen do saber, o que o faz instigar, indagar, perguntar e questionar sobre as realidades que o envolvem. O conhecimento que está no aluno em potência de se conhecer, interliga-se ao ato de determinado conhecimento por adquirir elementos externos, ou seja, novos conteúdos para o intelecto.

Todavia, este processo ocorrerá com a ajuda do professor, o qual auxiliará no desejo pela busca da verdade. Assim, compreenderemos no próximo ítem as contribuições da obra *De Magistro* na atuação do professor.

4 CONTRIBUIÇÕES DA OBRA *DE MAGISTRO NO PROCESSO DO DESEMPENHO DO PROFESSOR*.

Conforme mencionado anteriormente, a educação segundo Aquino (2004) entende que o professor ao atuar junto ao aluno, mediando o seu processo de conhecer, de aprender, exerce uma influência intencional. Pode-se falar, então, do educar como uma influência intencionada sobre um ser humano em crescimento.

A palavra educação, segundo o dicionário *online*³, “é uma expressão portuguesa, cujo radical vem de **educar**. Este por sua vez, se origina do latim **educere** que é um derivado de **ex**, que significa **fora** ou **exterior** e **ducere**, que tem o significado de **guiar, instruir, conduzir**. Ou seja, segundo tal dicionário, educação tem o significado literal de **guiar para fora** e isso, compreendendo tanto o mundo exterior quanto o guiar para fora de si mesmo.

Tal significado remete-nos necessariamente a dois atores que exercem influência na condução um do outro. Portanto, é possível entender que a educação é uma capacidade plenamente humana e o ato de educar está relacionado à capacidade de desenvolver potências.

Para Wiebusch (2015), o fazer pedagógico deve ser instrumento fundamental para a emancipação dos sujeitos, sendo de essencial importância que o ensino-aprendizagem se dê de maneira mais humanizadora.

A forma com a qual o professor atua no processo de ensino-aprendizagem, junto ao aluno, torna-se fundamental nos tempos atuais em que a globalização, a mecanização e terceirização das relações por meio dos ambientes virtuais têm impactado os afetos e a qualidade da vida humana entre humanos. As pessoas estão carentes do fundamento da vida que é a capacidade de amar e ser amado.

A educação, na atualidade, tem se voltado à formação mecanicista, à formação para **alguma coisa**, em contraponto à uma prática pedagógica que contribui efetivamente para o processo de formação da pessoa que se entende como ser pertencente a uma sociedade, que não está voltada a um “que”, mas ao outro e à integralidade humana, ao universo, a uma verdade que está na vida imediata, mas também a ultrapassa.

A vida atual impulsiona a pessoa a uma noção de individualidade que promove

³ Definição disponível em: <<https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-educacao/>>. Acesso em 29 set. 2022.

um olhar voltado especificamente para si, as suas necessidades, os seus próprios interesses, e sucessos. Assim, quando o professor atua junto ao aluno, tendo a consciência de que diante dele existe uma pessoa, desloca a noção de individualidade para a noção de singularidade, ou seja, a visão da pessoa que é um ser único, mas semelhante aos demais. O ser humano individual está voltado à individualidade, isso implica que não necessariamente precisa se conectar ao outro. Tal perspectiva está em acordo com a educação tecnicista, voltada para o mundo do trabalho e até mesmo, na melhor hipótese para a cidadania, mas não há nesse aspecto, uma cidadania plural e sim particular. Para comentadores do filósofo, “a educação deve ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver e ensinar como se tornar um cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade” (MORIN, 2002, p. 65).

Assim, o educar para a cidadania não pode ser algo desconectado da valorização da vida. Numa educação mecanicista, a formação do cidadão volta-se à individualidade, a busca da preservação dos próprios interesses, ainda que para isso tenha que lutar para produzir a morte, seja ela subjetiva, ou seja, o descuidar do outro, o diminuir o outro, o desconsiderar, descompromissar-se; seja ela, objetiva, o matar para se conseguir algo. Assim, observamos que alcança tais resultados “engrandecendo em todos e em cada um de nossos alunos, a globalidade de suas potencialidades, isto é, aumentar neles o potencial de inteligência, de sensibilidade, de solidariedade e de ternura que se esconde em sua humanidade” (BAZARRA, 2006, p. 8).

A visão de Bazarra (2006) está de acordo com a perspectiva de educação tomasiana, onde o professor é um mediador que auxiliará o aluno a transformar sua potência em ato. Assim, a atuação do professor com o objetivo de potencializar o conhecimento do aluno até que este se transforme em ato, não coaduna com a educação tecnicista, mecanicista em que a pessoa é coisificada, retirada de sua essência de pessoa. Tendo em vista o processo tomasiano de aprendizagem, a capacidade de se maravilhar com as pessoas é preservada. Quando o outro em sua diferença é diminuído, há uma coisificação de ambos, daquele que foi diminuído, mas também daquele que buscou diminuir.

Logo, a perspectiva da pessoa como ser singular exige necessariamente uma educação para a alteridade, para o outro que é o seu extremo semelhante, mas também o seu extremo diferente. É um ser outro, cujo mistério exige amor,

responsabilidade e respeito.

Por isso, quando o professor, ao olhar o aluno, volta-se para contribuir efetivamente para que suas potências se transformem em ato, beneficia não só o estudante em seus projetos pessoais e até mesmo sociais de vida, mas contempla uma comunidade inteira, os alunos, a família, professores, a própria escola e a sociedade em geral. O aluno quando é valorizado e atendido em suas dificuldades, é respeitado em sua singularidade, aprende por vivência a noção do que é o amor e o respeito ao outro, ao semelhante e ao diferente.

O professor, quando reconhece as capacidades do aluno, valoriza os dois princípios de aprendizagem apontados em Aquino (2004), o aprender por descoberta e o aprender pela mediação do professor são preservados e acionados não só nos conteúdos próprios do currículo escolar, mas também nos modos de ser professor e ser aluno, nos modos de olhar, respeitar, corrigir, incentivar e acreditar.

Nesta perspectiva, Tomás de Aquino explica que:

No aluno, as representações das coisas inteligíveis, pelas quais se produz o conhecimento recebido pelo ensino, são imediatamente de seu intelecto agente, mas mediadamente propiciadas pelo professor, ao propor sinais das coisas inteligíveis a partir dos quais o intelecto agente capta os conteúdos e os representa no intelecto paciente. Daí que as palavras do mestre, ouvidas ou lidas, causem o conhecimento do mesmo modo que as realidades externas, pois tanto a estas quanto àquelas volta-se o intelecto agente para receber os conteúdos inteligíveis [...] (AQUINO, 2004, p. 36).

A educação atual trabalha com competências e habilidades. Então, o ser humano é motivado a ser o mais competente, o melhor, o mais habilidoso. É motivado a estudar para obter certificações, obter os melhores empregos, status e melhor poder aquisitivo, promovendo por conseguinte o consumo desequilibrado e a ostentação. Já o professor capaz de valorizar as potencialidades do aluno, busca educar para ser, em detrimento de educar para se ter.

Então, tem em seus princípios a noção de que o ser humano precisa ser o melhor de si mesmo para promover uma vida melhor para todos. Assim, trabalha-se também com competências e habilidades, mas numa visão integralizadora, de formar o ser humano integral. Portanto, formar competências e habilidades sustentam-se no cultivar em si, e na sociedade em que vive, o amor, a responsabilidade, a ética, o caráter, a capacidade de autocontrole, de refletir e avaliar o seu agir e o impacto desse agir sobre a própria vida e sobre o outro humano, sobre o cosmo, sobre a sociedade

em sua integralidade moral, ética e estética. Tudo isso implica um modo genuíno de ser verdadeiramente humano.

O professor precisa focar no potencial de aprendizagem de seus alunos, olhando cada um enquanto pessoa, enquanto ser humano com condições infinitas e imprevisíveis. Quando o aluno é olhado por aquilo que não consegue, é sinalizado, marcada por suas dificuldades e diferenças de modo negativo, ou seja, é rotulado, a ficando a ação mediadora do professor comprometida. E, ainda, a própria ação do aluno também, já que antes de acreditar em si mesmo, precisa conviver com outros que acreditam. Portanto, destacamos que:

Os sentimentos de afeto entre o professor e seus alunos contribuem para criar uma atitude positiva em relação à aprendizagem. Os bons professores procuram comunicar entusiasmo e carinho para seus alunos. A paciência, a perseverança, o apoio à auto-estima dos alunos e o senso de humor são outras das características apontadas nas várias intervenções que estão presentes quando existe uma relação de respeito e empatia com os estudantes (MARCHESI; MARTIN, 2003, p. 111).

Como já visto, entende-se que na perspectiva de Aquino (2004) a função do professor, além de ser comparada com o exercício do médico que apenas trata a doença com o conhecimento que possui, é comparado também ao agricultor, o qual é responsável em cultivar e cuidar a planta, fazendo com que essa desenvolva suas capacidades que lhe são intrínsecas, ou seja, crescer e dar frutos. Assim, sendo o ser humano singular, o seu potencial de aprendizado se amplia quando este é despertado a potencializá-lo transformado este efetivamente em ato, por intervenção de um professor que, como vimos, pode realizar este processo com entusiasmo e paciência.

Desta maneira, as dificuldades que o professor se depara com cada aluno, no processo de ensino-aprendizagem, precisam ser encaradas com um olhar encorajador, vendo que aquele aluno pode assimilar tudo o que lhe é ensinado, mesmo que ele mesmo ou a sua família acreditam que não seja capaz de aprender. Segundo estudiosos, “a educação pode ajudar a nos tornar melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas” (MORIN, 2002, p. 11).

Contudo, apesar de vivermos em uma época de muitas perguntas, de avanços, inovações e muitas complexidades, cada professor é impulsionado a recriar modalidades que orientam as ações humanas da maneira positiva, uma vez que exerce um papel central na arte de desenvolver potências, de ensinar, de **fazer sair**

para fora o que existe de melhor em cada aluno. Igualmente, a contemporaneidade traz para a educação “muitos desafios, principalmente com a promoção do ser humano enquanto sujeito, que aprende, evolui e se constrói permanentemente. A educação deve estar comprometida com o desenvolvimento total da pessoa, do ser integral, pleno na sua inteireza” (WIEBUSCH, 2015, p. 02).

Sendo assim, seguindo a perspectiva de Aquino (2004) de que o professor é um mediador que, comparado ao médico, procura promover meios para que a cura aconteça, o professor, ao atuar junto ao aluno, deve ajudá-lo também a desenvolver sua autoestima e a evidenciar os seus acertos. Isso se aplica em todo processo de ensino-aprendizagem.

Todavia, toda pessoa humana nasce com um potencial infinito de desenvolvimento. Desenvolvimento esse que, como já citado, pode ocorrer por meio das próprias descobertas, ou por meio da mediação de outros, dando destaque ao papel do professor, já que com base na perspectiva tomasiana é possível inferir que o ser humano precisa de outros humanos para se desenvolver (AQUINO, 2004).

Considera-se também necessário refletir sobre o papel da escola no desenvolvimento do estudante, já que tão importante, quanto garantir sua presença e socialização em sala de aula, é trabalhar na perspectiva de desenvolvimento das potências de cada aluno. Um aluno com dificuldades de aprendizado, por exemplo, não significa um aluno incapaz de aprender, mas, sim, alguém que precisa de modos diferenciados de ensino-aprendizagem. Sendo assim, retomamos a colocação de Aquino (2004), de que o principal agente do processo de ensino-aprendizagem é o aluno, cabendo a este a ação de apreensão dos conteúdos.

Nesse sentido, o professor deve buscar meios para garantir a aprendizagem dos alunos, buscando mediar o processo de transformação de suas potências em aprendizagem real, ou seja, numa linguagem tomasiana, transformar suas potências em ato. Portanto, adotando o papel mediador apresentado na visão do aquinate, o professor deve buscar compreender o potencial de cada aluno e ajudar a desenvolvê-lo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo apresentar a tarefa do professor no processo de ensino-aprendizagem segundo Tomás de Aquino, tendo como centralidade a obra *De Magistro* (2004). Para isso, fizemos um percurso contextualizando o papel importante exercido pela Filosofia tomasiana, assim como a importância das universidades e o papel da educação no século XIII, uma vez que a educação pensada, na perspectiva de Tomás de Aquino, perpassou todos estes acontecimentos.

Entendemos que a perspectiva do processo de ensino-aprendizagem como um movimento que vai da potência para o ato, modifica o olhar do educador e o modo como ele relaciona-se com o aluno que, muitas vezes, não atende às suas expectativas. Uma educação fundamentada no princípio tomasiano de que todo o ser humano é uma potência infinita, sua comparação com a planta e o agricultor e sua visão do aluno como o protagonista da aprendizagem, exigem do educador e da educação um olhar transformador, capaz de trazer novas respostas para este tempo.

Cada pessoa traz uma história, permeada por sua singularidade e, para desenvolver-se, precisa do afeto, de pessoas, professores, diretores, coordenadores e demais profissionais que acreditam no seu potencial, independente da trajetória já vivida. O ser humano até pode ter suas condições potencializadas pelas máquinas, mas, antes, precisa de outros humanos que o ajudem no desenvolvimento de suas capacidades.

Nesse pressuposto, o professor que busca desenvolver as capacidades que se encontram inerentes no aluno, precisa ajudá-lo a entender o seu potencial, ou seja, a transformar potências em ato, pois quanto maiores são as limitações que o aluno apresenta e o processo de ensino-aprendizagem apresentam, mais potentes precisam ser as relações que o envolvem. É preciso acreditar e buscar os meios para que o aluno possa se desenvolver.

Dessa forma, tendo também em vista a perspectiva tomasiana de que o professor é um mediador que, comparado ao médico, procura promover meios para que a **cura** aconteça, não somente na relação professor-aluno, mas no processo de ensino-aprendizagem como um todo, uma vez que, o professor imbuído de sua capacidade de potencialização, deve procurar os meios adequados de ajudar cada aluno a desenvolver sua autoestima, sua autonomia e a evidenciar os seus acertos.

Isto faz com que o aluno encare o aprendizado de maneira mais prazerosa, já que, sua mente não é como uma folha em branco pronta a receber conteúdos, mas com todo a sua singularidade e capacidade de conhecer, é alguém cheio de potências que podem ser aperfeiçoadas para o próprio bem e para o bem da alteridade.

Este trabalho, ao se propor analisar o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem na perspectiva da educação tomasiana, permitiu-me também perceber que diante dos desafios que encontramos na educação da atualidade, dentre eles o **ensinar de modo rápido**, visando unicamente a consignação de diplomas para o trabalho ou a provação no vestibular, vemos o esvaziamento da educação que é também o esvaziamento do sentido do **ser pessoal**. Todavia, o olhar material para o conhecimento o esvazia, o retira da sua essência mais profunda que é a sabedoria, a qual deve ser buscada de modo primordial.

Nesta perspectiva, o olhar voltado para o conhecimento sem ver nele um valor intrínseco, capaz de ser provedor de autonomia e libertação da capacidade criadora, o faz objeto de inutilidade. O conhecimento, assim, pode ser visto como inútil e, por isso, muitos podem vê-lo de maneira desmotivada. Por isso, o professor ao atuar no processo de ensino-aprendizagem, utilizando de sua mediação com criatividade e comprometimento, compreendendo que também precisa possuir em si o conhecimento que irá transmitir, conseguirá, paulatinamente, contribuir neste processo como um verdadeiro **agricultor**, que como tratado por Tomás de Aquino, ajudará a o aluno a criar raízes, crescer e dar frutos.

Considera-se, portanto, que o processo de ensino-aprendizagem, elaborado por Tomás de Aquino, na obra *De Magistro*, torna-se inspirador para o processo educacional. Porquanto, o professor, ao exercer sua função de educar, fazendo **sair para fora**, com a sua intervenção e conhecimento, o melhor de cada aluno, o ajudará a inserir-se no mundo e a conviver com seus semelhantes.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **Sobre o ensino (*De magistro*). Os sete pecados capitais**. 2. ed. Tradução Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Suma contra os gentios**. 2 ed. Tradução Odilão Moura. Campinas: Ecclesiae, 2017.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

ARISTÓTELES. **Metafísica**: Ensino introdutório, texto grego com tradução e comentário de G. Reale: texto grego com tradução ao lado. Traduzido por Marcelo Perine. v. 2. São Paulo: Loyola, 2002.

BAZARRA, Lourdes. **Ser professor e dirigir professores em tempos de mudanças**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BATISTA, Gustavo Araújo. **O pensamento educacional de Santo Tomás de Aquino como consequência de sua Teologia e de sua Filosofia**. Educação Unisinos. São Leopoldo, v. 14, n. 2, 2010.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DURKHEIM, Émile. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FRANÇA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

JOSEPH, Ir. Miriam. **O Trivium**: as artes liberais da lógica, gramática e retórica. São Paulo: É Realizações, 2008.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

MACHADO, Nilson José. In: PERRENOUD, Philippe. **As Competências para Ensinar no século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARCHESI, Álvaro; MARTÍN, Elena. **Qualidade de ensino em tempos de mudança**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**: dos pré-socráticos à Wittgenstein. 8a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MAYER, Mary Helen; FITZPATRICK, Edward A. **Filosofia da educação de Sto. Tomás de Aquino**. Tradução Leonardo Van Acker. São Paulo: Odeon, 1935.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NASSER, José Monir. **Para entender o Trivium**. In: JOSEPH, Ir. Miriam. **O Trivium**: as artes liberais da lógica, gramática e retórica; entendendo a natureza e função da linguagem. São Paulo: É Realizações, 2008.

REALE, GIOVANNI; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. v. 1. São Paulo; Paulus, 2017.

RÜEGG, Walter. **Uma história da universidade na Europa**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992.

SANTOS, Patrícia Aparecida Cesário dos; LOPES, Maria Inácia; PRADO, João Batista Ferraz do. Uma análise dos fundamentos da Filosofia da Educação de Santo Tomás de Aquino. **Revista De Magistro de Filosofia**, Anápolis, v. 5, n. 8, p. 1-18, mai.2012. Disponível em: <<http://www.catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/05/Uma-an%3%a1lise-dos-Fundamentos-da-Filosofia.pdf>> Acesso em: 23 set. 2022

WIEBUSCH, Eloísa Maria. **Escola**: espaço de humanização, 2015. Disponível em: <<https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/wiebusch.pdf>> Acesso em: 18 mar. 2022.